



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial
: Marília Carolina de Moraes Florindo
Coordenação de produção editorial : Denise Pimenta de Oliveira
Revisão : Emilyly Dias de Matos
Projeto gráfico : Cláudia Dias
Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB
Ilustrações : Petchó Silveira
Fotos de ilustrações : Carlos Borges
: © 2022 Editora Universidade de Brasília
: Direitos exclusivos para esta edição:
: Editora Universidade de Brasília
: Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
: Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
: CEP: 70910-900
: Site: www.editora.unb.br
: E-mail: contatoeditora@unb.br
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
: publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
: qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

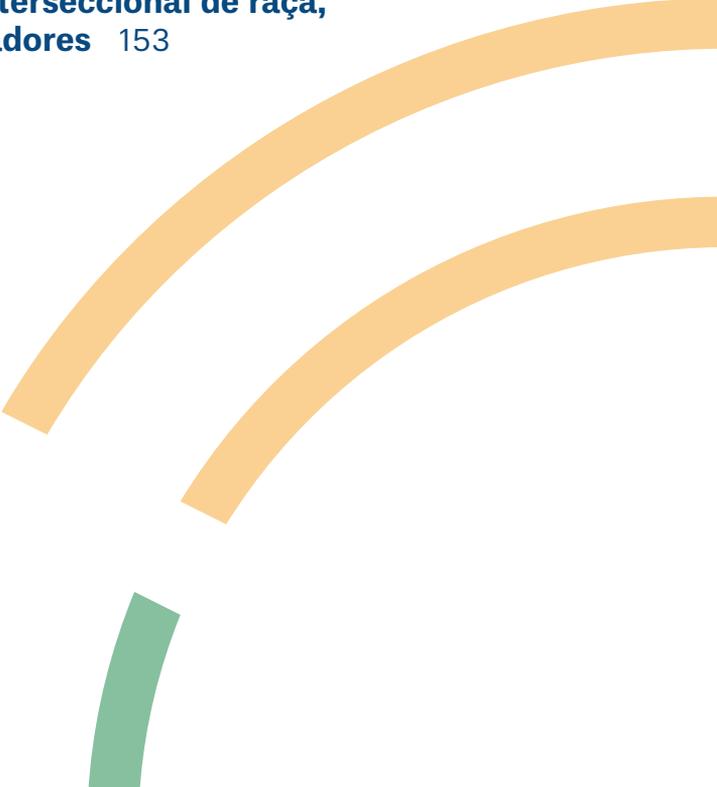
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória

Letícia Bispo

A escolaridade e as origens da minha família

Minha família, como tantas de Brasília, é de origem nordestina – do Maranhão e do Piauí –, pobre e majoritariamente negra. São muitas as histórias que têm em comum a busca por uma vida com oportunidades para as gerações seguintes. Minha avó, Maria das Dores Moraes da Silva, foi o meu maior exemplo. Gostava de ler desde criança, foi incentivada pelos pais. Em Brasília, era mãe solo de quatro filhas quando concluiu a graduação em Pedagogia e se tornou professora. Acredito que a integridade e a persistência de minha avó abriram os caminhos para todas as outras mulheres negras da família: para suas irmãs mais jovens, para as filhas e para as netas.

Minha escolarização: ensino básico, ensino médio, graduação

Graças à importância que minha família – sobretudo a materna – atribuía à educação, por influência de minha avó, sempre tive acesso à leitura. Aprendi a ler muito cedo, aos cinco anos. Sempre me destaquei na escola e tirava notas boas com facilidade. Mas desconhecia, na infância, um fato importante: como jovem de periferia e da escola pública, meu bom desempenho ali era apenas mediano se comparado ao desempenho de estudantes das melhores escolas particulares de Brasília. Essa discrepância ficou muito clara quando fiz a primeira prova do PAS/UnB.

Descobri que, se quisesse passar no vestibular da UnB, teria que estudar em uma escola particular. Passei em uma prova de bolsa parcial e, com a ajuda de uma tia – que sempre me incentivou a ir mais longe –, passei a frequentar uma escola particular no Plano Piloto durante o ensino médio. Lá uma outra realidade se apresentou para mim: ainda que fosse inteligente, gostasse de ler e tivesse apoio da família para estudar, teria que me esforçar em dobro para atingir o nível dos meus colegas que frequentaram boas escolas a vida inteira.

A outra face dessa realidade era a de que eu era uma das únicas estudantes negras da classe e uma das poucas da escola, algo que logo identifiquei como consequência de algo bem maior: a realidade sócio-histórica de meu país. Realidade confirmada pela minha família – minha avó me ensinou o que era racismo – e pelas minhas experiências cotidianas em espaços que não foram pensados para me receber.

Nessa época, o sistema de cotas para negros havia sido implementado recentemente na UnB. Para alguns, apenas mais uma conquista. Para mim, a única oportunidade de fazer um curso superior, pois minha família não poderia pagar uma faculdade particular. Refleti muito, cheguei a pensar que, por ter tido a felicidade de contar com ensino de qualidade e apoio em uma família de classe média, não deveria usufruir do sistema de cotas, ainda que fosse uma jovem mulher negra.

Tive a oportunidade de assistir à colação de grau de uma turma de Comunicação Social da UnB enquanto eu fazia o terceiro ano do ensino médio. Nessa turma que se graduava – composta de alunos que entraram na UnB bem antes das ações afirmativas –, não havia um único estudante negro ou indígena. Aquela imagem me impactou. Há evidências do racismo que estrutura a sociedade brasileira que não passam necessariamente por um episódio de conflito. Uma dessas evidências é a exclusão institucionalizada da população negra em espaços de poder e transformação, esse consenso que não se incomoda com imagens como essas, chocantes – uma turma inteira, que se forma em uma universidade pública brasileira, sem um único aluno negro.

Penso em meus amigos pretos na infância e vejo que muitos sequer chegaram ao ensino médio como eu cheguei. Outras oportunidades estavam bem mais próximas: começar a trabalhar cedo, casar-se e ter filhos, parar de estudar na educação técnica. Infelizmente alguns de meus amigos de infância tornaram-se vítimas da criminalidade e das drogas. Ainda que tivesse muitas vantagens – o apoio da família, uma certa estabilidade por causa do serviço público –, o racismo estrutural e estruturante rondou a minha vida como a de tantos dos meus. Seria por acaso que, quando frequentava um shopping ou um centro cultural do Plano Piloto na adolescência – ainda que com o uniforme da escola particular –, eu era sempre confundida com os trabalhadores de limpeza ou das vendas?

Finalmente, lá estava eu, Leticia, na UnB

A universidade pública foi uma revolução na minha vida. Graças ao sistema de cotas para negros, tinha mais colegas como eu na faculdade do que tive em todo o ensino médio, pessoas que viviam realidades próximas, que vinham das periferias para a Asa Norte, que traziam outros olhares, epistemologias e linguagens para o ambiente da UnB. É claro que as discrepâncias com estudantes brancos – em especial os de classe média alta e ricos – eram ainda mais latentes do que no ensino médio. Porém, a UnB é um espaço que promove a interseção de vidas e ideias como nenhum outro lugar que conheci.

Logo percebi que não éramos apenas nós, estudantes cotistas, que nos beneficiávamos da presença de pessoas negras na universidade: a UnB só poderia crescer plenamente

rumo ao propósito de um projeto popular de nação, imaginado por Darcy Ribeiro, caso fosse capaz de traduzir, em seu corpo de alunos, professores e servidores, a sociedade brasileira. Tal propósito certamente não se encerra nas políticas de ação afirmativa, mas é fortalecido por elas. Tive colegas indígenas, africanos e pessoas com deficiência que me ensinavam – por meio de parcerias nas atividades de ensino, pesquisa e extensão – sobre a possibilidade de um mundo diverso em peles, ideias, pragmáticas. A convivência com os colegas mais privilegiados também me ensinou sobre as oportunidades que sempre existiram e estavam fora do meu alcance, sobre as solidariedades possíveis, sobre construir um mundo em que esses privilégios não fossem mais privilégios. E também sobre uma disputa que não se encerraria ali, na Universidade, já que ela não poderia, apesar de tudo, dissolver desigualdades tão arraigadas ao longo de gerações. No entanto, me sentia parte de um movimento de transformação.

A pós-graduação na UnB

O contato com (poucos) pós-graduandos e professores universitários negros fez com que o trabalho no ambiente acadêmico se tornasse uma sutil possibilidade em minha vida. Eu, que antes sequer sabia o que significava produzir conhecimento, vi crescer em meu coração a vontade de fazer cada vez mais parte da construção do ambiente universitário, junto àquelas pessoas que construíram os caminhos para que eu pudesse chegar ali. Primeiro, tornei-me técnica administrativa em educação e pude experimentar o outro lado da Universidade, entendendo suas dificuldades e problemas, como a falta de recursos, a pouca renovação dos quadros, a vagareza das transformações. Também conheci a imensa criatividade e vontade da comunidade universitária em propor soluções para contornar as limitações e oferecer um ensino público gratuito e de qualidade, que – graças às ações afirmativas – chega a um grupo realmente diverso de pessoas.

No momento em que este texto foi escrito (2022), sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pude contar com o apoio do meu local de trabalho – a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB) – e com o programa de cotas da pós-graduação da UFMG, que compreende, também, que esses espaços se beneficiam de propostas de pesquisa e ensino ligadas às comunidades conhecimentos negros e indígenas, as quais por muito tempo foram apenas objeto de estudo. Por exemplo, fui aprovada com um projeto de pesquisa sobre o potencial estético-político dos filmes do cineasta mineiro André Novais de Oliveira, um homem negro que também foi beneficiado por políticas públicas e pôde, além de estudar cinema, realizar dois longas-metragens independentes e lançar-se como a grande novidade do circuito alternativo de filmes brasileiros, pelo menos desde o lançamento de *Ela Volta Na Quinta* (2015), no 47º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Nesse filme, Oliveira lança os pais e o irmão como atores, filma na própria casa e no bairro em que viveu por muitos anos, e constrói com naturalismo o cotidiano de uma família

negra em Contagem, município que compõe a região metropolitana de Belo Horizonte. Nos apresenta imagens que não costumamos ver de pessoas negras no cinema, desgarradas de estereótipos e expectativas, e filmava de modo a capturar experiências de vida, mais que ideias totalizantes de sujeito. Ao procurar estudar um cineasta negro, sentia que podia contribuir com a literatura acadêmica sobre o cinema, mais uma vez jogando luz sobre a incontável, por vezes escondida, produção artística dos sujeitos afro-brasileiros.

Novamente, a universidade pública – dessa vez a UFMG – me desafiou e me abriu novos caminhos. Uma vez estudante, conheci filmes, autores, textos e epistemologias que ampliaram meu olhar não apenas para as questões contemporâneas do racismo e da exclusão econômica, mas também para a maneira como essa história se constituiu. Tive a oportunidade de cursar uma disciplina chamada “Outras Filosofias da Imagem” – o “outras” já denotava a intenção de desafiar o consenso estético-político que se considera neutro e uno. Ali pude conhecer autores contracoloniais, como Antônio Bispo dos Santos (2015), mestre quilombola, Leda Maria Martins (1994), professora da UFMG e Mestra de Reinado, Makota Valdina Pinto (2015), educadora e candomblecista e Maria Luiza Marcelino, quilombola e mestra de umbanda, todos intelectuais negros e lideranças de suas respectivas comunidades. Além desses autores, a bibliografia ofertada pela professora Luciana de Oliveira trazia intelectuais indígenas brasileiros e de outros países da América Latina. Foi a primeira vez que fui apresentada a essas pessoas como intelectuais, produtoras de conhecimento, dentro da universidade. Essa professora fazia parte de um projeto multidisciplinar chamado “Programa de Formação Transversal em Saberes Tradicionais”, do qual participavam professores de diversas disciplinas. E tive então uma surpresa: esse programa, me disse a professora, era baseado em um projeto originado na Universidade de Brasília, “Encontro de Saberes”, construído pelo professor José Jorge de Carvalho, do Departamento de Antropologia (UnB), junto com professores de diversas disciplinas. Não por acaso, o professor Carvalho foi também um dos idealizadores do sistema de cotas raciais implementado na UnB, em 2003, bem antes da Lei de Cotas, sancionada em 2012. A UnB cresceu para mim, mais uma vez. É como um farol, impulsiona as pautas nacionais, pavimenta caminhos e têm impacto nacional.

Essa foi apenas uma das experiências que me transformou durante o mestrado na UFMG. Mudei meu projeto, passei a focar nos curtas-metragens de cineastas negros contemporâneos e procurei me basear, tanto quanto possível, em autores e filósofos negros, de ontem e de hoje, brasileiros e estrangeiros. Minha pesquisa de mestrado toca a imagem e os modos como os imaginários e as cosmologias marginalizados pelo colonialismo podem oferecer soluções para questões contemporâneas e outras possibilidades de mundo. Descobri que essa tem sido uma grande questão para diversos intelectuais negros em toda a diáspora e que ela se expressa nas inúmeras manifestações culturais dos povos negros espalhados pelos países colonizados, em suas cosmologias, danças, cantos, oralidade, intelectualidades, literaturas, músicas. Mais do que isso, descobri que esse conhecimento não está parado, congelado, como uma estátua que podemos visitar, mas em constante

movimento e construção, interação e cruzamento – inclusive com os conhecimentos dos povos indígenas –, sendo os estudiosos desse pensamento, portanto, tão atuais quanto os canônicos pensadores europeus.

Uma das referências principais de meu trabalho é o poeta e filósofo Édouard Glissant (2021), nascido na Martinica (até hoje pertencente à França!). Ele se dedicava, em sua extensa bibliografia, ensaística, poética e ficcional, a imaginar novas maneiras de se relacionar no mundo, entre povos e identidades diversas. E, para imaginar esses modos, ele estudava também o passado, as manifestações linguísticas e culturais dos povos negros que, uma vez sequestrados e levados para o outro lado do Atlântico, tiveram que compor novas famílias, novos cantos, remontar e desmontar as lembranças e cruzá-las com o que havia nas terras para onde foram levados – onde quer que estivessem, na América Latina. Ainda que escravizados, os povos negros criaram novas religiões, novas expressões, misturaram-se aos povos nativos e trocaram sabedorias. Assim, resistiram desde sempre – em quilombos, em mocambos –, cruzando-se, transformando-se, em processos que alguns chamaram mestiçagem ou hibridismo e que Glissant (2005) chamou de criouliização. A criouliização nada tem a ver com a nossa ideia de “democracia racial”, que busca esconder os conflitos da formação do povo brasileiro. É na verdade seu exato oposto: investigar as fronteiras, torná-las visíveis, compreender onde há intersecções e onde não há, ser capaz de aceitar o diferente e o novo, proteger a pluralidade do mundo. Glissant busca maneiras de escapar da lógica ocidental unificadora para construir uma realidade em que o diverso possa sempre existir.

Desejo que meu trabalho seja um gesto de contribuição para a literatura acerca do cinema, do sujeito negro e das maneiras de pensar saídas para os conflitos entre os povos, as pátrias, entre o homem e a natureza. Mais que um tema de dissertação de mestrado, essas questões são, agora, parte de minha vida. Sou apenas uma entre tantos estudantes negros e periféricos que puderam experimentar a universidade pública, participar de projetos inovadores, compor projetos de extensão, realizar pesquisas. Agora, como sujeitos de produção de conhecimento – que sempre fomos, mas não no meio institucionalizado e privilegiado da academia –, podemos ser também investigadores e propositores das transformações de que nossa sociedade tanto precisa. Penso que meu caminhar, como o das demais autoras mulheres negras, segue abrindo caminhos futuros.

Referências

- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

OLIVEIRA, André Novais. *Ela Volta Na Quinta*. Documentário, digital, 108 minutos. Produtora: Filmes de Plástico. Contagem, 2015.

PINTO, Valdina. *Meu caminhar, meu viver*. Salvador: Sepromi, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Brasília: Incti/UnB, 2015.

Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espraia Brasil afora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice